

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: ENSINO DE LEITURA
E PRODUÇÃO DE TEXTOS**

GILMAIR HUBNER FRANÇA JANUÁRIO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NA PRODUÇÃO
TEXTUAL ESCRITA DE ALUNOS DA ZONA RURAL**

BELO HORIZONTE

2011

GILMAIR HUBNER FRANÇA JANUÁRIO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NA PRODUÇÃO
TEXTUAL ESCRITA DE ALUNOS DA ZONA RURAL**

Monografia apresentada ao Curso Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Helena Chaves Marinho.

BELO HORIZONTE

2011

GILMAIR HUBNER FRANÇA JANUÁRIO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NA PRODUÇÃO
TEXTUAL ESCRITA DE ALUNOS DA ZONA RURAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista.

Aprovada em ___ de _____ de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dedico este trabalho à Maressa, Isaac e João pela ajuda e confiança.

Agradeço primeiramente a Deus, meu refúgio e fortaleza.

Ao meu esposo João, aos meus filhos Maressa e Isaac em especial, por todo o apoio e confiança, que me fizeram ter firmeza em busca deste curso.

À minha orientadora Janice, pela atenção a mim dedicada.

E a todos que, ao longo de minha caminhada, contribuíram para que de alguma forma eu alcançasse o meu objetivo neste curso.

“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca”.

(Dom Hélder Câmara)

RESUMO

A presente monografia faz uma conceituação teórica seguida de análise das variações linguísticas presentes em textos de um determinado espaço geográfico em uma determinada camada social: alunos da Escola Estadual Hermínia Ribeiro de Souza localizada no município de Lajinha - MG.

O convívio do aluno da zona rural com membros mais velhos da família, e que estão mais isolados numa determinada comunidade, e até mesmo excluídos das novas tecnologias, determinam e influenciam a comunicação, ocorrendo diferenças no nível léxico, morfológico, semântico, sintático, fonético e estilístico, que acabam por definir os padrões linguísticos utilizados por estes alunos. Alguns passam por uma tensão quando são colocados para se expressar verbalmente em determinados locais em que predomina a linguagem padrão, passam por conflitos, temendo serem criticados. Muitos até consideram que seus pais são “burros”, que sua comunidade é pobre culturalmente e que eles são incapazes de aprender o dialeto-padrão.

Daí a necessidade de realizar este estudo, visto tratar da variação lingüística em sala de aula, onde existem alunos do meio rural é bastante complexa, pois envolve questões de identidade, estigma, discriminação, preconceito, norma, prestígio social entre outros. Abordar este tema é uma contribuição à escola que melhor poderá trabalhar com os alunos evitando cometer erros que muitas vezes provocam evasão escolar.

A Pesquisa visa esclarecer que as diferenças na escrita dos alunos da zona rural estão ligadas ao fenômeno da variação linguística, e a escola pode se apropriar do que a sociolinguística propõe, reconhecendo a comunicação dos alunos da zona rural como “diferente” não como “deficiente”.

Adotamos como referencial teórico os postulados da Sociolinguística, principalmente, os defendidos por Bortoni-Ricardo, Bagno e Cagliari. A metodologia utilizada neste trabalho foram pesquisas bibliográficas, apresentação de textos produzidos por alunos da zona rural e análise da variação lingüística na dimensão geográfica, nos níveis lexical, sintático, morfológico e fonético. Assim foi possível confirmar a variação lingüística na produção escrita de alunos da zona rural da Escola Estadual Hermínia Ribeiro de Souza do município de Lajinha – MG.

Palavra-Chave: ensino da língua portuguesa; variação lingüística

LISTA DE SIGLAS

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PB- Português do Brasil

MG- Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2. ABORDAGEM TEÓRICA – CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	12
3. TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	18
3.1 DIMENSÕES QUE PROPICIAM A VARIEDADE DIALETAL	18
3.1.1 Dimensão geográfica	19
3.1.2 Dimensão de classe social	19
3.1.3 Dimensão de gênero	20
3.1.4 Dimensão do nível de escolaridade	21
3.1.5 Dimensão de idade	22
4. PCNs E LIVRO DIDÁTICO: PRIORIZAÇÃO DO CONTEXTO URBANO?	24
5. ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Supressão do /r/ pós-vocálico nas formas do infinitivo.....	35
Tabela 2 - Supressão do /s/ que é morfema de plural	36
Tabela 3 - Variação no léxico.....	37
Tabela 4 – Desnasalização em sílabas finais átonas.....	38
Tabela 5 - Monotongação do ditongo /ou/.....	39
Tabela 6 - Juntura intervocabular.....	40
Tabela 7- Perda de sílaba.....	41
Tabela 8 - Emprego do pronome ele como objeto direto	41
Tabela 9 - Troca de gênero	42
Tabela 10- Troca de letra.....	43

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objeto abordagem da variação linguística nos textos produzidos por alunos da zona rural.

Tem como objetivo investigar como se pode tratar da variação linguística em textos produzidos por alunos da zona rural, analisando-se a variação dialetal e suas dimensões. Aprofundar essa questão é extremamente necessário, já que nós professores constatamos, em nossas práticas cotidianas de ensino, a inegável intervenção das variedades linguísticas no processo de ensino aprendizagem da língua para alunos das comunidades rurais. A presente monografia reúne minhas experiências de mais de duas décadas de convivência com alunos da zona rural, descrevendo linguisticamente fatos conhecidos e testemunhados, exemplos tão peculiares em orações fluidas de uma comunicação espontânea como em conversas informais em sala de aula e em atividades de oralidade e escrita.

No Capítulo 2 é feita uma abordagem teórica, apresentando concepções de língua postuladas por linguistas e outros estudiosos que contribuíram para o surgimento da Sociolinguística, complementando essa reflexão com o fenômeno da variação linguística.

No Capítulo 3 discorre-se sobre os tipos de variação, mais precisamente sobre a dialetal, registrando pelo menos seis dimensões: geográfica, classe social, gênero, nível de escolaridade e idade.

No capítulo 4 é apresentada uma reflexão sobre os PCNs e livro didático, seus objetivos e conteúdos, que pela minha experiência de utilização deste instrumento priorizam o contexto urbano. Relato alguns fatos ocorridos em sala de aula e ressalto a importância do professor se apoiar em outros instrumentos em complementação ao livro didático.

No capítulo 5 serão apresentadas algumas produções dos alunos e feita uma análise de quais variedades linguísticas são constatadas na linguagem escrita desses alunos da zona rural, nos moldes do que propõe a sociolinguística Bortoni-Ricardo, Cagliari e Bagno.

Os textos coletados e analisados nesta monografia são de alunos da Escola Estadual Hermínia Ribeiro de Souza, do município de Lajinha – MG, que tem seu decreto de criação datado de 1939. Nessa época oferecia os anos iniciais do ensino fundamental, em 1976 ampliou e passou a oferecer o ensino fundamental completo, e só em 1996 pôde oferecer o ensino médio. Está localizada no distrito Prata de Lajinha, a 18 km da sede do município, com uma rede física regular. Possui 28 turmas distribuídas em 03 turnos, com uma clientela de 780 alunos.

A economia no entorno da escola é predominantemente movida pela cultura do café, economia essa que provoca certa instabilidade na organização administrativa e pedagógica da escola, que tem sua rotina alterada por alunos que faltam às aulas no período da colheita. Cerca de 30% dos alunos moram em sítios, alguns a uma distância de 15 km, os demais residem no distrito, embora seus pais, a grande maioria trabalhe como “bóias-frias” na zona rural.

Algumas famílias possuem certa mobilidade, residem no distrito no período da colheita, depois se mudam, às vezes para uma das capitais mais próximas como Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro até mesmo São Paulo. Essa mobilidade faz surgir um fenômeno linguístico: confronto urbano/rural, levando a que alguns alunos distingam dos demais, suas falas se aproximam da linguagem padrão, o que não perdura por muito tempo, pois acabam sendo influenciados pela pronúncia da maioria dos alunos, que usam um dialeto rural. Os pais dos alunos que frequentam a escola, residentes no campo ou não, em sua maior parte são considerados “matutos”, analfabetos ou com o 1.º grau concluído.

Como se pode constatar a grande maioria dos alunos são desassistidos completamente de qualquer apoio cultural que possa auxiliar o trabalho da escola, ficando delegada exclusivamente a esta, a formação educacional (acadêmica) do aluno. O único contato

do aluno com outros instrumentos que possam transmitir informação é o aparelho de televisão.

Como afirmado anteriormente o perfil dos alunos citados no parágrafo anterior é bem peculiar ao espaço geográfico em que a escola está localizada.

As análises dos textos possibilitarão um desfecho satisfatório à pesquisa, reconhecendo que o aluno da zona rural, é dinâmico, com possibilidades de usar, criar, recriar a língua com legitimidade, pronto para aceitar o desafio com competência, se adequar em determinadas situações à conversação formal, às normas da escrita, bem como ao uso da variedade padrão em determinados gêneros. Pretende-se, com esta monografia, desmistificar ideia de que o aluno da zona rural é incapaz de ter um nível de aprendizagem eficiente em linguagem, assim como o da zona urbana e substituir definitivamente a ideia de certo ou errado, chique ou brega, pela de uso adequado ou não adequado da língua.

Por fim, apresentamos as considerações finais, no qual serão abordadas as perguntas tema deste estudo: “O que fazer frente à presença nos textos dos alunos da zona rural de formas características de uma variedade não-padrão? Como tratar da variedade linguística em textos produzidos por alunos da zona rural? A abordagem aponta para a pertinência de trabalhar a variação linguística em sala de aula sem desconsiderar o papel da escola de subsidiar o aprendizado da norma culta.

Quanto à Metodologia empregada, registra-se que, no trabalho monográfico, foi utilizado o Método dedutivo, já que pressupõe que apenas a razão pode conduzir ao conhecimento verdadeiro, mediante pesquisas bibliográficas e textos produzidos em sala de aula.

2 ABORDAGEM TEÓRICA – CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Evanildo Bechara define que a língua é um produto com espaço cultural amplo e diversificado, historicamente relacionado. Para exemplificar esse espaço historicamente marcado por uma língua, vale remeter à frase de Fernando Pessoa: “Minha pátria é a língua portuguesa”, e a de Caetano Veloso que, em uma de suas conhecidas canções diz: “Minha pátria é a minha língua”. Assim, pode-se inferir que as dimensões de língua transcendem o conceito de algo abstrato, homogêneo, pronto e acabado.

É consenso que língua sugere comunicação, age-se sobre a língua de duas formas: transmitindo seu sistema às novas gerações e modificando-a, ou seja, incorporando novas palavras, alterando a pronúncia de outras, mudando a ordem de algumas estruturas para melhor expressar o que se deseja, sejam nossos sentimentos, informações, costumes, crenças etc. A língua é constitutiva do mundo, não é um conjunto de regras, uma relação de verbetes dispostos em dicionários. O processo de constituição da língua, os signos usados, sejam ideológicos ou não, a enunciação, a produção do enunciado são conjuntos de fatores que vêm sendo discutidos há séculos para melhor conceber língua.

A definição de língua que se tem hoje é resultado de vários estudos que vêm sendo realizados ao longo do tempo, na busca de uma concepção capaz de contemplar o universo linguístico, que é bastante complexo.

Cabe traçar uma retrospectiva para entender o quanto alguns linguistas como Saussure, Chomsky, o filósofo Bakhtin e muitos outros colaboraram com suas propostas para conceber a linguagem. Ao conceber a língua como um sistema de signos orais que permite a comunicação entre os membros de uma comunidade, é necessário que se defina o que é signo. Para Saussure o signo é uma relação entre um significante e um significado. Podendo esse signo ser concreto ou abstrato real ou imaginário que, uma vez conhecido, leva ao conhecimento de algo diferente dele

mesmo. Ao definir uma relação entre um significante, a imagem acústica do signo, e um significado, para essa concepção, o sentido de signo deixa de depender de um referente fora da língua, e passa a ser determinado por duas grandezas linguísticas: uma imagem acústica, de ordem fonológica, e um conceito, de ordem semântica. A língua, conforme conceituou Saussure, é um sistema de signos que, arranjados, tornam-se um todo. O indivíduo membro de uma comunidade, para ser um falante da língua, obedece a um *contrato social*. Para o mestre genebrino, língua e fala não são sinônimos, mas são inseparáveis, uma vez que são interdependentes: sua observação o levou a centrar-se na lingüística da língua e não na lingüística da fala. (PETTER, 2008, p.14). A teoria de análise linguística, que se desenvolveu a partir das ideias de Saussure, foi denominada estruturalismo, o qual enfatizava o signo, a relação entre palavras e ideia a ela ligada. Luiz Carlos Cagliari (1997, p. 30) afirma:

A linguagem existe porque se uniu um pensamento a uma forma de expressão, um significado a um significante, como dizem os lingüistas. Essas unidades de dupla face é o signo linguístico. Ele está presente na fala, na escrita e na leitura como princípio da própria linguagem, mas se atualiza em cada um desses casos de maneira diferente.

Nos anos 1950, a partir dos estudos do norte-americano Noam Chomsky, que veio a publicar um trabalho considerado revolucionário, surge a obra *Estruturas Sintáticas (Syntactic Structures)*, fundamentada na ideia de que o cérebro deve ter capacidade gramatical de nascença. Uma “gramática universal”, estrutura profunda da linguagem, ou seja, que a linguagem é um fenômeno basicamente psicológico, portanto, a linguagem é uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana, a qual não pode ser estudada proveitosamente apenas pela observação do comportamento linguístico. O modo como o cérebro funciona afeta o jeito que a gente pensa, pensar e falar acontece simultaneamente, não pensamos para depois falarmos.

A doutrina pseudocientífica Behaviorista influenciou a linguística americana que se empenhou em mostrar, por experiência de reforço e estímulo, tal como as feitas com animais, que as pessoas aprendem a linguagem. Uma criança já nasce com habilidades para falar, crianças sabem o que devem dizer, como por exemplo, “o papai comprou um sorvete pra mim”, não “sorvete pra comprou papai o mim”. Essa

capacidade humana é inata. Dando continuidade ao que Chomsky afirmou, outros pesquisadores chegaram a uma teoria denominada gerativismo, para explicar essas propriedades universais da linguagem (PETTER, 2008, p.15).

Viu-se anteriormente que Saussure separa a língua da fala; Chomsky distingue competência de desempenho. A competência é a parte do conhecimento que lida com as estruturas gramaticais que podem existir em uma língua. O desempenho diz respeito ao conhecimento que os membros de uma comunidade têm das regras que tornam o uso linguístico adequado às diferentes situações sociais: convenções, crenças, as condições emocionais do locutor frente à reação de um interlocutor.

As grandes descobertas não cessam por aí, surge o russo Mikhail Bakhtin, um filósofo que conclui que a língua é um fato social, um constante processo de interação mediado pelo diálogo. Segundo essa concepção, a língua só existe em função do uso que os locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicação. Para ele não se conhece a língua através de dicionários ou manuais de gramática.

Vale observar o que afirma Brandão (1998, p. 09 e 10):

Visando à formulação de uma teoria do enunciado, Bakhtin atribui um lugar privilegiado à enunciação enquanto realidade da linguagem:

A matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe também uma outra parte, não-verbal, que corresponde ao contexto da enunciação.

Dessa forma, ele diverge de seus antecessores (Saussure e a escola do subjetivismo individualista representado por Vossler e seus discípulos) para quem o enunciado era um ato individual e, portanto, uma noção não pertinente linguisticamente. Bakhtin, aliás, não só coloca o enunciado como objeto dos estudos da linguagem como dá à situação de enunciação o papel de componente necessário para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal.

Como, através de cada ato de enunciação, se realiza a intersubjetividade humana, o processo de interação verbal passa a constituir, no bojo de sua teoria, uma realidade fundamental da língua. O interlocutor não é um elemento passivo na constituição do significado. Da concepção de signo linguístico como "sinal" inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato, passa-se a uma compreensão do fenômeno, à de signo dialético, vivo, dinâmico.

Pode-se dizer, então, que a proposta de Bakhtin é analisar a língua sob seu aspecto interativo, sob sua função comunicativa. Explicando melhor, o enunciado pressupõe um locutor, aquele que fala; e um interlocutor, aquele que escuta, sendo que esses papéis são trocados no decorrer do enunciado. O interlocutor é também locutor e vice-versa. Outro fato a ser levado em consideração é o contexto em que ocorre o enunciado. Esse contexto é fundamental para se entender a estrutura semântica da linguagem.

Parte-se, então, do pensamento de que a língua não é um produto homogêneo e artificial, mas sim, conforme concepção dos sociolinguistas é intrinsecamente heterogênea. O fenômeno variação linguística esteve presente em todo o momento da formação e estruturação de nossa língua. Basta fazer uma retrospectiva e retornar à língua-mãe, o latim, falado pelos latinos, um povo que habitava o Lácio, região central da Itália, percebe-se que desde então, até os dias atuais, houve mudanças renovadoras na língua. O povo dominador sempre impõe sua cultura – e, portanto, sua língua – ao povo subjugado. Com os romanos não foi diferente: impuseram o latim em dois níveis a todos os povos por eles conquistados: o latim literário e o latim vulgar (Carvalho 1984, p.20). O latim vulgar era a língua utilizada por soldados, comerciante e pela maioria das pessoas que se dirigiam aos territórios conquistados, com a finalidade de colonizá-los. No Brasil não foi diferente, conforme Bagno (2009, p. 97):

A imposição da língua do vencedor sempre esteve presente no projeto colonial das potências européias. Palavras que repetem as de Nebrija se encontram no documento chamado Diretório dos índios, de 1757, em que o Marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal, proibia o ensino, no Brasil, de qualquer língua que não fosse a portuguesa.

Sabe-se que os portugueses impuseram sua língua: houve atritos com a língua indígena, no início. Mais tarde, a língua africana influenciou o português do Brasil; ocorreram ainda influências do francês e do holandês, no período das invasões; mais recentemente, nossa língua recebeu influências dos imigrantes europeus, principalmente no centro-sul do país.

Aos poucos, o português aqui implantado pela colonização da metrópole foi adquirindo características específicas, distanciando-se do português de Portugal. Não se pode falar ainda na existência de uma língua brasileira, mas hoje são inúmeras as diferenças

entre o português de Portugal e o português do Brasil, mesmo com o acordo ortográfico.

Sabe-se que dentro de nosso país ainda há indígenas que comunicam, quando estão em suas aldeias, em suas línguas, e não em português, assim como imigrantes que erradicaram no Brasil procuram conservar dialetos de suas línguas de origem. A influência do tupi na língua portuguesa fez-se sentir de maneira acentuada. No vocabulário, por exemplo, herdamos dos índios:

a) topônimos (nomes de lugares): Guanabara, Catanduva, Guaratinguetá e etc.

b) antropônimos (nomes de pessoas): Iracema, Ubirajara, Jandira e etc.

c) nomes relacionados à flora e à fauna: abacaxi, carnaúba, cipó, mandioca, capivara, curió, gambá, jacaré e etc.

d) alimentos, utensílios, crenças e fenômenos: moqueca, arapuca, curupira, pororoca e etc.

Os dialetos trazidos pelos escravos africanos também deixaram inúmeros vestígios no português do Brasil. A necessidade de braços que trabalhassem a terra, trouxe o negro, que agregou ao nosso falar seu vocabulário e influenciou na pronúncia.

Alguns exemplos de palavras de origem africana:

a) topônimos: Bangu, Caxambu, Guandu, Quilombo e etc.

b) crenças e práticas rituais: mandinga, macumba, candomblé, lemanjá, muamba e etc.

c) alimentos e bebidas: cuscuz, quindim, cachaça, e etc.

d) flora e fauna: dendê, jiló, camundongo, marimondo, etc.

e) utensílios e costumes: maxixe, batuque, berimbau e etc.

Além de recebermos influência das línguas indígenas e africanas, também estão presentes em nossa língua alguns vocábulos do oriente e de outras línguas européias.

De providência árabe temos: álcool, algarismo, café, oxalá, alfaiate, etc. De origem francesa temos: abajur, champanhe, manchete, omelete, chique, garagem, etc. De origem inglesa temos: clube, xampu, estresse, futebol, gol, shorte, etc.

A língua é heterogênea porque seu processo de construção é dinâmico e depende do contexto em que ela é produzida. Daí a dificuldade de, às vezes definir seu objeto de estudo, Ronald Beline (2008, p. 121) afirma;

Se nos lembrarmos de uma das primeiras lições de Saussure, em seu curso de linguística geral – com tanta frequência utilizada e tão importante nos estudos introdutórios de linguística por seus esforços em reconhecer o caráter autônomo dessa ciência – é inevitável que retomemos sua afirmação de que “o ponto de vista cria o objeto”. Essa seria uma característica especial da ciência da linguagem, pois de acordo com o autor, diferentemente das outras ciências, para o linguísta seria como se não existisse um objeto de estudo definido a priori ao seu olhar científico sobre as línguas.

Devido a fatores sociais, históricos, geográficos e culturais, não se pode vislumbrar uma linguagem totalmente homogênea entre os falantes de uma língua. Portanto, é necessário aceitar as variações linguísticas e estudar o que as provoca, para se entender o processo evolutivo linguístico.

3 OS TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Existem dois tipos de variação linguística: a dialetal e a de registro. Este trabalho se propõe a analisar de forma mais abrangente a variação dialetal. Apenas lembrando que a variação de registro pode ser definida em dois pólos: a formal e a informal. Em algumas ocasiões a comunicação necessita de um maior monitoramento, esse monitoramento não ocorre apenas na língua falada, mas também na língua escrita. Não se escreve um *e-mail* para um amigo da mesma forma que se escreve em uma transação comercial para uma empresa. Pode-se afirmar também que a variação pode chegar ao nível do indivíduo, por exemplo: um diretor de uma grande empresa, poderá usar um padrão de comportamento linguístico em uma conferência diferente de quando está em um momento de lazer, ou seja, um mesmo indivíduo opera com regras variáveis diferentes. Esse mesmo indivíduo pode ser síndico de um edifício, membro de um sindicato, jogador numa equipe amadora de futebol, etc.

3.1 DIMENSÕES QUE PROPICIAM AS VARIEDADES DIALETAIS

Os sociolinguistas vêm estudando as variedades dialetais. Essas variedades ocorrem tanto no som ao pronunciar uma palavra, quanto no sentido e etc. Alguns fatores

determinam essas variações; elas ocorrem em função do lugar onde se vive, da classe social, do gênero, do nível de escolaridade, da idade e de muitos outros fatores. Conforme ensina Marcos Bagno (2009, p.39), a variação ocorre em todos os níveis da língua: morfológica (estrutura das palavras), sintática (estrutura das sentenças), lexical (léxico ou vocabulário), semântica (significado), estilístico-pragmática (sentido dos textos nos contextos em que ocorrem) e fonético –fonológica (maneira como os sons funcionam na língua).

A variedade padrão é a que se emprega em uma comunicação mais formal, portanto ela é ensinada na escola, mas em algumas situações ela não é a mais adequada, por exemplo, em conversas de pessoas que sempre residiram no campo. Neste caso, a variação mais empregada é a caipira, isto não desprestigia nem uma nem outra, o que se deve fazer para ser entendido em uma comunicação é se adequar às exigências daquele momento.

3.1.1 ORIGEM GEOGRÁFICA

A língua varia de um lugar para o outro; assim, pode-se investigar a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado e etc. O Brasil apresenta um vasto território, caracterizado por regiões geográficas diversas. Com isso têm-se diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática. A variedade linguística geográfica ocorre em uma limitação de espaço em uma dada comunidade, na qual seus membros falam certa variedade específica, caracterizada como forma comum entre esses membros. Os estudos dialectológicos de caráter científico iniciaram-se no Brasil com o dialeto caipira, de Amadeu Amaral, publicado em 1920. O trabalho de Amadeu Amaral teve o mérito de chamar a atenção para a importância e a urgência de uma recolha sistemática dos nossos falares, condenados a perecerem pela progressiva nivelação cultural.

A linguagem rural vem se extinguindo com a crescente urbanização, mas ainda se pode falar em dialeto caipira. Bortoni- Ricardo (2009, p. 83) classifica de urbano as periferias das cidades onde encontram grande contingente de pessoas que são de origem rural e que possuem valores diferentes, possuem outra cultura, outro modo de

ver o mundo, de se relacionar com o meio ambiente. Essas diferenças também são apresentadas na linguagem, no vocabulário, e toda uma série de regras fonético-fonológicas e morfossintáticas que caracterizam mais os falares rurais do que os urbanos e vice-versa. Um exemplo é o “r” caipira pronunciado por jovens da periferia de São Paulo, provavelmente esses jovens são filhos de pais de origem da zona rural.

3.1.2 ORIGEM DE CLASSE SOCIAL

Ronald Beline (2008, p.130) apresenta uma informação interessante sobre o que ocorre com outras línguas, no caso o inglês:

Num de seus estudos sobre o inglês falado na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, Labov (1972) mostrou que os falantes de lá reconheciam diferenças da ordem de 10% no uso do –r pós-vocálico, operando com essas distinções para fazer julgamentos acerca do status social dos falantes. Nessa cidade americana, deixar de pronunciar o –r e substituí-lo por um alongamento da vogal anterior é considerado sinal de baixo status social e uma pequena diferença na quantidade do uso de tal variante já é suficiente para perceber a classificação social do falante.

As pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa. Sabe-se que a classe social a que pertence um indivíduo vai, de certa forma, definir seu comportamento, incluindo a linguagem. A fala de um operário, por exemplo, que lida com máquinas, provavelmente se difere da fala de um funcionário que lida com pessoas e está em constante contato com o público. Esse funcionário provavelmente utiliza a variedade padrão. O convívio social vai definindo o comportamento com a linguagem, normas são aprendidas por observação e imitação. Neste caso, a língua como referencial humano traria inúmeras variações, porque decididamente as pessoas não são iguais e, devido ao meio espacial ou social em que estejam, haverá uma tendência da língua se caracterizar pelo ambiente. Sendo assim, o indivíduo que protagoniza a fala poderá adequá-la a seu perfil ou ao grupo a que pertence. Nesse sentido a língua é vista como objeto de ascensão social. Exemplificando, quando uma classe social privilegiada usa uma forma não prescrita pela gramática normativa, o julgamento linguístico ocorre com

menos preconceito do que quando é usada por uma classe mais desfavorecida, neste caso, a forma não padrão é sempre julgada como um “erro”, pelo senso comum.

3.1.3 ORIGEM DE GÊNERO

Sabemos que homens e mulheres fazem usos diferentes dos recursos que a língua oferece. Alguns homens admitem que têm medo de serem mal interpretados se carregarem sua fala de amabilidade, ou seja, se usarem vocábulos no diminutivo, ou uma entonação com marcas de sensibilidade. Dessa forma, o sexo masculino é caracterizado por usar um vocabulário entendido como mais objetivo, com palavras mais “rudes” e “diretas”. Pesquisas demonstram que o uso de palavrões, por exemplo, ainda é maior entre pessoas do sexo masculino. Esse fato também retrata a língua como objeto de ascensão social, pois diante do senso comum, não “fica bem” uma mulher usar variações, como palavrões, por exemplo.

3.1.4 ORIGEM DE NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Esta variedade considerada social diz respeito à organização sociocultural. Por exemplo, o emprego do plural (os animais selvagens) é uma marca que é possível encontrar na variedade de prestígio. Já a ausência do plural (os animal selvagem) é comum ao falante da variedade sem prestígio. Quando as construções são mais elaboradas, próximas da linguagem escrita, podem ser reflexo de que esse falante frequentou a escola por um longo período. Outro exemplo é o apagamento do /r/ no infinitivo (É bom cantar para se alegrar /É bom cantá pra se alegrá).

É sabido que as escolas, de modo geral, discriminam seus alunos quando tomam como única leitura “correta” aquela cuja produção é determinada pelo contexto sociocultural das classes privilegiadas. É essa, sem dúvida, uma das razões por que a escola pública tem se revelado incapaz de proporcionar ensino de qualidade às camadas populares, na medida em que desconhecem as determinações sociais que

influem na produção de leitura e escrita dos alunos pertencentes às camadas mais populares. Uma reportagem publicada na Revista Língua Portuguesa (Ano 5 . nº 58, p. 16) demonstra como, quando a escola se propõe a trabalhar sob a perspectiva de observar o contexto social em que o aluno está inserido, os resultados podem ser gratificantes:

Crianças alfabetizadas numa língua que não dominam, silenciosas, com vergonha de se expressar em seu idioma até mesmo entre si. Em Santa Maria de Jetibá, na região serrana do Espírito Santo, essa era uma situação comum nas escolas. No município, que recebeu grande número de imigrantes da Pomerânia – região situada entre a Alemanha e Polônia -, a língua usada por muitas das famílias ainda hoje é o pomerano. Para incluir esses alunos e valorizar sua cultura, o Programa de Educação Escolar Pomerano (Proepo) trouxe a língua para a grade de estudos da educação infantil e do ensino fundamental.

Como resultado, houve uma retomada do idioma por muitos jovens que o tinham abandonado, além da melhora no desempenho escolar desses estudantes, bem como um incentivo ao registro escrito dessa cultura. Vale lembrar que o idioma tornou-se a língua oficial da cidade, ao lado do português, em junho de 2009, por ocasião dos 150 anos da imigração pomerana no estado. E o diálogo entre as duas culturas, expresso pelo intercâmbio linguístico entre os dois idiomas, poderia ter-se perdido caso o pomerano caísse no esquecimento.

Na comunidade belorizontina, por exemplo, a forma reduzida do pronome pessoal de 3ª pessoa ele para “eis” e “es” ocorre com maior frequência e é, portanto, favorecida na fala das pessoas de baixa escolaridade, isto é, que têm apenas o 1º grau.

Um fato acontecido em uma aula após uma palestra em comemoração ao dia mundial da água: Um aluno do 6º ano procurou-me para dizer que suas colegas riam de um dos participantes do evento, um líder comunitário que, em meio a suas colocações sobre o assunto, intercalava expressões como: “Vo ensina pro ocês como construí uma fossa, pramodi ocês ensiná prus pais doces”. A palavra “pramodi” é que provocou o riso inconveniente das alunas, e foi preciso uma longa conversa com os alunos para contornar aquele episódio. Não só o líder comunitário, mas muitas outras pessoas na comunidade, principalmente idosas, com nível de escolaridade baixo, empregam esse termo.

Carlos Drummond de Andrade conclui em um de seus poemas que “o português são dois”: um que ele aprendeu na rua, na vida social; outro, o da escola, um mistério. Este

é o desafio: saber quando usar um ou outro sem cair no esnobismo ou na vulgaridade. E mais: saber que, entre esses dois, existem muitos outros mistérios.

3.1.5 ORIGEM DE IDADE

Pode-se constatar muitas diferenças quando se analisa a fala de pelo menos três gerações. A grande maioria dos jovens emprega gírias, neologismos com pouco monitoramento, o que leva muitas pessoas a afirmar que a linguagem jovem é pobre, que a fala é errada e etc.

Mas a variação linguística não ocorre somente no modo de falar das diferentes faixas etárias, das comunidades, dos grupos sociais, quando se comparam uns com os outros. Ela também se mostra no comportamento linguístico de cada indivíduo, de cada falante da língua. A variação ocorre de acordo com o ambiente em que as pessoas se encontram: familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são seus receptores. Por exemplo, a entonação usada com uma criança é diferente da usada ao se dirigir a um adulto. O emissor, o receptor e a situação é que determinarão o grau de formalidade a ser usado na comunicação.

Aprendemos a monitorar a fala nos adequando à situação, por exemplo, até uma criança muda o seu estilo, quando está falando com outra criança, usa um comportamento, ao dirigir a um adulto se adapta rapidamente para atender talvez a uma comunicação mais respeitosa de mais consideração, etc.

Dessa forma, pode-se perceber que a variação linguística depende de diversos contextos e por isso mesmo, não deve ser analisada de maneira simplista, há que se observarem fatores sócio-econômicos, históricos e geográficos que determinam tal variação.

4 PCNs E LIVRO DIDÁTICO: PRIORIZAÇÃO DO CONTEXTO URBANO?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, quando analisados sob a perspectiva de oferecer subsídios diferenciados aos professores que trabalham com alunos da zona rural, são falhos, na medida em que pouco auxiliam na solução dos problemas, especialmente de linguagem, identificados nas escolas rurais. O professor precisa de instrumentos que o auxiliem, um norteador claro, e não ser tão vago como está

apresentado nos PCNs.

Abaixo, o que afirma os PCNs no capítulo sobre o “ensino e natureza da linguagem”:

“O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação, social. Pela linguagem, os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura.” (PCN, 1998, 5ª a 8ª, p. 19).

Uma vez que os PCNs deixam a desejar, conseqüentemente os livros didáticos refletem também essa lacuna. Pelo que eu sei, nenhuma editora apresentou, ainda, um livro didático apropriado, que contemplasse os assuntos mais relevantes da vivência de alunos da zona rural. Em geral, é pensado em um usuário de livro didático, morador da zona urbana. É claro que vivemos em um mundo globalizado, então, se faz necessário o conhecimento global e não apenas aquele ligado ao entorno do aluno. No entanto, acredito ser possível dosar de forma equilibrada, com foco em ambos os aspectos, em condições de igualdade, isso sim é proposta eficaz e democrática.

Muitos foram os fatos vivenciados por mim ao longo de minha trajetória como professora de alunos da zona rural, por exemplo: Em uma determinada aula utilizando o livro didático (CEREJA, MAGALHÃES, 2006, p.173), deparei-me com a seguinte atividade:

Divirta-se

Uma menina vivia com seus pais em um apartamento no 9º andar de um prédio. Quando precisava sair, ela apertava o botão indicador do térreo no elevador. Mas, quando voltava, ela apertava o botão indicador do 6º andar e subia pelas escadas até o andar em que morava. Por que a menina agia assim?

Resposta: Ela era baixinha e não alcançava o botão do nono andar.

Aguardei para obter a resposta, em uma turma de 33 alunos, ninguém sequer aproximava da resposta. Ofereci um ponto para quem desse a resposta certa. A turma ficou eufórica, várias respostas, mas nenhuma certa. Dei várias dicas e nada. Foi então que surgiu uma “luz no fundo do túnel”, perguntei quais dos alunos conheciam um

elevador. A resposta foi não, ou seja, nenhum dos alunos havia sequer visto um elevador. Na aula seguinte levei fotos e tentei apresentar- lhes um elevador, e deixei como tarefa observar nas novelas e filmes a utilização desta máquina, para que ampliassem seus conhecimentos, mesmo que imagináveis do que é um elevador.

Outro fato se deu na utilização do livro didático em uma aula cujo objetivo era a produção de um texto. Na sequência didática incluía-se ouvir uma canção, de olhos fechados. Eu os levava a imaginar que estavam em uma praia, conduzia- os ao banho de mar, tomar água de coco, sorvete e etc. Sob meu comando os alunos, de forma passiva, acatavam minhas determinações, até que chegou o momento de produzir o texto. Começaram a reclamar do tema “Praia”. Insisti. No final, leitura dos textos. Insucesso da maioria dos alunos. Afirmavam não conhecerem praia, só a haviam visto pela televisão.

Todos sabem que o livro didático é um dos instrumentos mais usado pelo professor na condução das aulas, muitas escolas, ou a maioria, não dispõem de máquinas copadoras, o professor se vê lesado se for preparar um material didático compatível com a necessidade da turma, pois tem que arcar com seus recursos próprios, acaba então por aderir ao livro quase que integralmente, causando desinteresse dos alunos por não conseguirem assimilar o conteúdo.

Em outra página dos PCNs é registrado:

“O objeto de ensino e, portanto, de aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem. Organizar situações de aprendizado, nesta perspectiva, supõe: planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino.” (PCN, 1998, 5ª a 8ª,p.22)

Bem, quando nos deparamos no trecho “[...] que o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem [...]”. Penso no que seriam práticas sociais mais corriqueiras de um sujeito, aluno da zona rural? Seriam práticas ligadas ao

comércio, ao trânsito, ao cinema, a um parque de diversão? Evidentemente que não, abordar esses temas não deixa de ser interessante, mas na verdade, passar semanas desenvolvendo um projeto sobre segurança no trânsito, não é o mais urgente para esse aluno. Agora, o uso correto dos defensivos agrícolas, sim, não só é eficaz como necessário, já que a escola se situa em uma região na qual há o predomínio da atividade agrícola. Uma pesquisa bem fundamentada sobre a origem, classificação e finalidade dos agrotóxicos, um estudo de folhetos explicativos que acompanham os produtos, bem como a interpretação de alguns termos científicos, deveriam ser priorizados.

Entre outros, o contexto da variação lingüística em alunos da zona rural é pouco explorado, resultando em uma carência de conteúdo sob o ponto de vista pedagógico. Constata-se uma inércia em relação à abordagem de procedimentos eficazes para estabelecer um suporte para os professores, já que na maioria das vezes se deparam com o dever de “ensinar” ao aluno o jeito “certo” de pronunciar e escrever as palavras. É comum o professor interromper uma fala do aluno durante uma leitura, e às vezes mesmo de maneira “educada”, pedir-lhe que repita a pronúncia correta de algumas palavras, o que provavelmente leva o aluno a ser ironizado pelos colegas. Esse aluno provavelmente depois de ser alvo de chacotas, vai se esquivar sempre que se em alguma atividade tenha que se expressar diante dos colegas.

Alguns livros didáticos, ao tratar da questão da variação lingüística, tendem a apontar como sendo as pessoas da zona rural usuárias da variedade lingüística. Por exemplo, o livro do 7º ano PORTUGUÊS – Para viver juntos – (Cibele Lopresti Costa, Eliane Gouvêa Lousada, Jairo J. Batista e Manuela Prado) destina duas páginas, 152 -153, para abordar o tema. Apresenta o texto “O ronco da peixarada” de Rosana Zaidan, que trata de um causo, cujos personagens falam o dialeto caipira, entre as atividades a de número 06, diz o seguinte: “As variedades regionais se diferenciam não só pela maneira de pronunciar as palavras ou pelas construções gramaticais, mas também pelo vocabulário utilizado. a) Copie em seu caderno palavras do texto que você supõe serem características da variedade reproduzida pela fala do contador. b) Procure explicar o significado de cada uma, sem consultar o dicionário. c) Consulte agora o dicionário e

verifique se a definição dada assemelha-se à sua hipótese. A questão “c” incute no aluno a ideia de que a fala do personagem da roça é objeto de correção, não está de acordo com o dicionário. Muitos outros autores usam para ilustrar esse tema da variação linguística, falas do Chico Bento, Patativa do Assaré, todos moradores da roça, dando a impressão de que o fenômeno só ocorre com pessoas oriundas do meio rural, o que não é verdade, conforme já abordado no capítulo 2.

Analisando o entendimento de Sírio Possenti (Revista Linguagem 2010, pag. 37):

Uma palavra a respeito do caráter de certas regras: é vantajoso ter claras algumas de suas características, para desmontar crenças equivocadas ou preconceituosas. 1) É óbvio que há uma norma culta (desconhecer isso é desconhecer uma característica factual das línguas) e há exigências da sociedade em relação a seu uso. 2) É produtivo saber que a norma culta muda. Isso não é facilmente percebido numa época dada, mas a comparação entre textos de duas épocas deixa o movimento claro. 3) É bom saber que se pode expressar um mesmo sentido tanto na norma culta quanto em variedades não padrões (são claras, evidentemente, as construções: “Meu relógio marca 3 horas”; “Meu relógio, ele marca 3 horas”; “Meu relógio, ele, marca 3 horas” etc). Ou seja, não se deve confundir características mentais do falante (ser claro, saber o que diz) com seu conhecimento ou uso das normas valorizada numa sociedade.

Finalmente, creio que se acrescenta mais clareza às questões do ensino sabendo que os aspectos normativos de uma gramática (de uma língua) assemelham-se mais a regras de etiqueta do que a de “bem pensar”. Falar de maneira diferente é só falar de maneira diferente – em duas línguas ou dialetos da mesma língua. Falar de maneira aceitável em certos ambientes é aceitar (ou poder) ser socialmente valorizado. Ou seja: ser entendido é uma coisa, estar “de acordo” é outra.

Infelizmente, a forma como vem sendo proposto o tema da variação linguística nos livros didáticos traz a impressão de que se faz questão de rotular como errada a linguagem no meio rural. Se a meta é desenvolver o conhecimento linguístico e discursivo, deve-se partir do princípio de que o aluno motivado e não discriminado é mais produtivo. Desse modo o aluno poderá até assimilar mais facilmente os conteúdos propostos pelos PCNs. É necessário trabalhar em sala de aula com as variedades lingüísticas de forma cautelosa, tomando o devido cuidado para não desmerecer as variantes menos prestigiadas, nem tão pouco abandonar o ensino da variante padrão.

5 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS

Neste momento, apresentarei os textos produzidos por alunos do 6º e 7º do Ensino

Fundamental e 1º ano do Ensino Médio. Alunos nestas séries já têm certa vivência escritora com diversos gêneros textuais. Na escolha dos gêneros foi levado em consideração os mais praticados por alunos da zona rural. O E-mail, por exemplo, foi evitado. Se trata de um gênero praticamente desconhecido, uma vez que o objetivo era textos de alunos residentes no meio rural. Os autores não têm acesso a computadores, portanto desconhece o uso da internet. Optamos pelo gênero documentário, texto de memória, receita, bilhete e carta. Os textos foram produzidos individualmente.

Vale um esclarecimento, quanto à escolha dos textos para compor este trabalho. Os alunos produziram mediante as condições de produção que serão detalhadas adiante. Não foram informados, produziram conjuntamente com os colegas e só depois autorizaram sua utilização.

Na análise dos textos o objetivo é localizar a variante lingüística, neste caso, trabalhamos respeitando o papel social dos produtores, e quanto mais natural e próxima de sua realidade, melhor para a obtenção das variantes lingüísticas que em geral surgem em escritas mais espontâneas. Quanto às questões gramaticais, não abordaremos por não ser esse nosso objetivo.

Desde 2009 é desenvolvido um projeto denominado “O meio ambiente me faz melhor”, na Escola Estadual Hermínia Ribeiro de Souza. Os professores preocupados com o crescimento alarmante da indisciplina nas turmas de 6º e 7º ano decidiram buscar algo que resgatasse a auto-estima, a harmonia, o bom senso entre os alunos. Era preciso pensar em uma proposta que tivesse vínculo com o programa curricular e que fosse algo prazeroso, que atendesse ao gosto dos alunos. Após discussão, decidiu-se por um projeto de educação ambiental por se entender que o ser humano poderá no convívio com o meio ambiente se reeducar, criando uma relação de respeito e assim transportar esses conceitos para a vida prática, ou seja, para sua relação em sala de aula. Instituiu-se então, um projeto interdisciplinar; envolvendo os conteúdos de português, geografia e ciências.

Os alunos eram levados a participarem de atividades de campo, isto é, extraclasse, em sítios, reservas florestais, áreas de lazer e etc. Essas atividades os tornavam

motivados para as aulas de português, principalmente para a produção de textos, abordando temas de preservação ambiental. Desta forma fazia a conexão com os conteúdos linguísticos, desenvolvia a proficiência em produção de texto. Atribuía-se pontos a essa produção para somar à nota bimestral. Muitas informações relativas ao local, a necessidade de preservação da reserva permanente (área de mata nativa) eram transmitidas aos alunos através das palestras proferidas por pessoas convidadas com esse propósito.

Os textos 01, 02 e 03 foram produzidos por alunos do 6º ano, na aula de história. O texto 01 foi intitulado pelo próprio aluno, analisado sob ponto vista discursivo, corresponde às expectativas, pois cumpre o objetivo de um texto predominantemente narrativo-argumentativo. O escritor narra os fatos ocorridos durante o evento, menciona a data e o local, destaca o que chamou mais a atenção, e argumenta emitindo sua opinião.

Texto 1

Ajudando a Mata dos Kers

Ontem, dia 1º de dezembro de 2010, foi um dia bem legal e divertido. Para falar a verdade os alunos do turno da manhã é que fizeram todo o serviço, retiraram grande quantidade de lixo da mata, tenho certeza que eles divertiram muito, pois além de ter tirado o lixo da reserva permanente, aprenderam muito por lá. Conheceram a árvore mais antiga, uma árvore que existe há séculos, a mais alta daquele lugar.

Desde 1954, a mata pertence a família Ker, e é um dever nobre de nós alunos e de toda a escola podermos ajudá-la. Ajudando o meio ambiente e todo lugar que vivemos, sabemos que estamos ajudando a nós mesmos. Se deixarmos a natureza sozinha sem a ajuda de ninguém, estamos nos prejudicando. Por isso sempre que uma mata está suja e poluída temos que ajudar pelo menos um pouco, pois é como se diz basta darmos uma força para a mãe natureza, que ela faz o resto.

Nós somos o bem da natureza, nós ajudamos ela e ela nos ajudará. Mas temos uma coisa a fazer: jogar o lixo sempre na lixeira e não nas ruas ou onde estivermos, pois quem destrói a criatura, ofende também o Criador.

O texto 02 foi produzido a partir do título sugeridos pela professora. É interessante

observar que o texto não apresenta inadequações do ponto de vista da lógica e da coerência textuais, ainda que existam orações encadeadas sem os operadores argumentativos (preposições, conjunções e locuções conjuntivas; certos advérbios e adjuntos adverbiais, como assim, agora, logo depois, etc). Na medida em que o aluno for entrando em contato com atividades que envolvem a produção textual irá aos poucos amadurecendo e fazendo um bom uso dos operadores argumentativos.

Texto 2

Documentário Histórico Sobre A mata Kers

Quarta feira nossa Escola foi na mata Kers lá nos limpamos a mata é contremos Arvores e animais como a arvore crosa o nome dela e jequitibá conhecemos as bromelha palmeiras pau dalho canela e o arvore jacaré nos também conhecemos os animais como barbado cobra coras macaco e o periquitos etc e limpamos a mata de arvore mais grosa diramos vela blusa e etc na entrada do mata os homens do trator de lixo diraran oços de animais do mata foi isso que eu vim e foi isso que nos fizemos na arvore grossa.

O texto 03 também foi produzido a partir do título sugerido pela professora

Texto 3

Documentário histórico sobre a mata dos Kers

- No dia 01 de dezembro de 2010 foi um dia muito especial porque nós fomos fazer uma coisa muito boa que foi a limpeza na mata dos Kers, nós fomos a benefício de uma mata melhor. A mata dos Kers tem uma coisa que atrai muito os visitantes que é o Jequitibá, uma árvore grossa e alta que graças a preservação da mata ela existe. E também macaco, mico leão dourado, cobras, aranhas etc. Rios de cachoeira. Eu me sinto muito bem de ajudar aquela mata, se todos fizessem a mesma coisa que fizemos o planeta não estaria tão contaminado exemplo: você pode perceber que quando faz calor em um lugar limpo e em cidade, se você for na mata lá o ar é puro e é um ambiente muito agradável diferente das cidade e lugares poluentes, então se nós preservarmos a mata ela irá servir para fornecer boas vidas aos nossos filhos e até nós mesmos. No dia que fomos lá passear colocamos placas, e retiramos lixos, eu espero que eles respeitem as placas, e retiramos lixos, eu espero que eles respeitem as placas e siga o que lá esta pedindo. A árvore do Jequitibá costuma no lugar dela eles fazer macumba, pois eu acho isso muito errado isso são pessoas que estão bem do lado do coisa ruim e que não tem o que fazer. Eu

achei importante a atitude dos professores importante e agradeço que todo mundo contribuiu. Obrigado!

O dois textos a seguir foram desenvolvidos em uma sequência de atividades propostas como eixo do ensino da escrita. Várias oficinas foram desenvolvidas, com atividades que visavam:

- 1) Ler o livro “O olho de vidro do meu avô” de Bartolomeu Campos de Queirós.
- 2) Entrevistar um morador do local, para ouvir a história de um fato real acontecido com este morador.
- 3) Fazer os alunos escreverem um primeiro texto de memória, recontando a história do morador e avaliar suas capacidades iniciais.
- 2) Escolher e adaptar as atividades de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos alunos.
- 3) Trabalhar com outros textos do mesmo gênero, propondo sua leitura e comparação, é sempre uma base importante para a realização de outras atividades.
- 4) Trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa.
- 5) Estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos.
- 6) O melhor texto seria selecionado para participar da Olimpíadas de língua portuguesa.

A escritora do texto 4, aluna do 7º ano, produziu o texto em sala de aula, após conversar com o seu avô; um pequeno agricultor, que lhe contou a história, os fatos são reais, o avô é o personagem principal. O texto a ser produzido deveria atender ao gênero texto de memória.

Texto 4

Lembrança de um aperto

Um vez eu vivia num sítio a vida era difícil era só trabalhar de manhã à tarde e o início da noite na plantação de milho até que fui reparar na tulha onde ficava os milhos e vi que havia um disfalque, então resolvi fazer uma armadilha que no qual coloquei um sino na porta que quando abrisse o sino fazia um barulho fui deitar fiquei esperando o sino tocar mas não houve nada e assim passou o dia fui deitar de novo com a espera do sino tocar. No meio da noite o sino tocou fui com medo, com uma machada de lado e no outro uma foice, eu tremia como uma vara verde mas fui na hora que cheguei lá fui olhar era o meu burro que estava abrindo a porteira e com jeito conseguia abrir a porta da tulha. Me deu tanta raiva quase matei o burro de raiva por isso o burro não tinha ficado magro de tanto trabalhar. Essa foi uma lembrança que no dia me deu raiva mas hoje acho graça e guardei o sino pra sempre lembra dessa história.

O texto a seguir foi produzido por aluna do 1º ano do ensino médio. Foram dadas as orientações, sobretudo quanto às “condições de produção”, em relação à estrutura do gênero textual, atribuição de notas, produção individual e ao tema.

Texto 5

Receita

Como viver em família

Ingredientes

1 kg. de amor e amizade

300 g. de alegria e felicidade

4 colheres de sopa de paz

500 g. de união e conforto

2 kg de beijo e carinho

200 g. de companheirismo

200 g. de decomposição

3 kg de respeito

Modo de fazer:

bata no liquidificador o amor e amizade depois você junta um muncado de alegria e felicidade, antes você põe a sopa de paz ai você convida união e o conforto atraz também um pouquinho de beijo e carinho e um pouco de companheirismo, acrescenta decomposição, mas não esqueça do ingrediente mais importante que é o respeito.

Os textos 6 e 7 foram produzidos , por alunos de 6º e 7º ano foram-lhes apresentados outros textos e com explicações da estrutura do gênero, com a possibilidade de os textos serem encaminhados aos possíveis destinatários. Também foram dados os temas: para o bilhete, convidar para a festa Prata em destaque, essa festa é realizada todos os anos, e para a carta, reivindicação de melhores condições do transporte escolar.

Texto 6

Prata de Lajinha, 09/04/11

joão

Você esta sabendo da festa aqui na Prata você vai na festa porque eu vo se você vai tauves eu vo La eu vo pedir a minha avo.

Espero por você La

Texto 7

Prata de Lajinha 09 de março de 2011

Senhor Prefeito

Os motoristas estão trazendo os alunos e deixando na frente da Escola e vai levar Boias frias e eles estão cortando O Banco todo e tem Bastante poeira e tem vez que ele custa a ligar as janelas algumas delas estão quebrada e já que chegou alguns onibôs novo na prefeitura podia mandar para a gente porque nossos onibôs estão velho e quando chove O onibôs não vem e a gente tem que vir de Bicicleta e alguns ALunos vem ape e a porta lá di trás esta amarrada com um arame e os sintos estão todos quebrados

Passaremos à análise dos textos apontando para identificar o tipo de variação dialetal, atentando para os níveis em que ocorre.

TABELA 1 – SUPRESSÃO DO /R/ PÓS-VOCÁLICO NAS FORMAS DO INFINITIVO

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero feminino	4	trabalha	trabalhar
12 anos		arma	armar
7º ano		lembra	lembrar

Na Tabela 1, as variantes dizem respeito a supressão da consoante vibrante /r/, Cagliari (2010, p. 121) afirma que não escreve o r, por não haver som correspondente na sua fala. O apagamento do /r/ em final de infinitivos é encontrado não só em falantes rurais como em falantes urbanos. Confirmando essa ocorrência Beline (2010, p. 123) nos ensina que não precisamos pensar em regiões diferentes para vislumbrar essa variação. Um falante nativo de PB “apaga” parte da palavra numa situação de informalidade, diferentemente se encontrar em situação de formalidade. No caso das variantes estigmatizadas empregada pela aluna em uma situação de letramento, onde a linguagem é mais monitorada, pois se trata de produção de texto em sala de aula, a explicação para tal procedimento é que ela reproduziu na escrita a forma como pronuncia as variantes, não conseguiu adequar à variante padrão.

O emprego do /r/ do infinitivo com maior ou menor frequência também pode estar relacionado ao nível de escolaridade do falante: quanto maior o nível de escolaridade,

maior a frequência de uso da variante.

Tanto a reprodução da fala quanto o nível de escolaridade 6º ano, podem ter interferido no uso da variante pela aluna. Esse é um exemplo, portanto de variável morfológica.

TABELA 2 - SUPRESSÃO DO /S/ QUE É MORFEMA DE PLURAL

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero feminino	7	janelas (...) quebrada	janelas (...) quebradas
12 anos		alguns onibôs novo	alguns ônibus novos
7ºano		onibôs estão velho	ônibus estão velhos

Na Tabela 2, percebe-se a supressão da consoante fricativa /s/. A explicação para o registro das variantes no texto pode-se embasar no que nos afirma Bortoni-Ricardo (2009, p. 88) “[...] nos sintagmas nominais, há uma tendência, no português brasileiro, a não se fazer a concordância nominal, isto é, a concordância dos determinantes com o núcleo do sintagma representado por um nome ou pronome, no plural.”. Essa tendência se evidencia com maior frequência em estilos não monitorados, apesar de se tratar na língua escrita como é o caso dos exemplos.

Sabemos que não só falantes que convivem no meio rural são os únicos a adotarem esse comportamento, mas geralmente dispensamos elementos redundantes na comunicação, flexionamos somente o primeiro elemento, como nos exemplos, foi flexionados o substantivo “janelas”. Já o substantivo “ônibus” trata-se de palavra

monomorfêmica, isto é, o /s/ integra a palavra também no singular.

Também a construção do plural com apenas uma marca, ou seja, o acréscimo de apenas o /s/, tendemos a não empregá-la. Já quando o plural necessita acrescentar uma sílaba (capaz/capazes) ou plural irregular (anel/anéis) têm mais possibilidades de serem flexionados. Constatamos a variação no nível morfológico e sintático, ou seja, morfossintaxe.

TABELA 3 – VARIAÇÃO NO LÉXICO

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero feminino	3	macumba	magia negra / feitiçaria
13 anos		coisa ruim	diabo/capeta
6º ano			
Gênero feminino	5	muncado	um pouco
15 anos			
1º ano			
Gênero feminino	4	tulha	armazém/celeiro
12 anos			
7º ano			

Na Tabela 3, temos exemplos de variação no léxico. Sabemos que o Brasil é um país com um imenso território, onde encontramos diversas culturas, será natural admitirmos diferenças no léxico de nossa língua. A variante empregada pela aluna “macumba” aponta para a existência de preconceito quando ela redige: “(...) pois eu acho isso muito errado isso são pessoas que estão bem do lado do coisa ruim (...)”. Sabemos que os negros enfrentaram e enfrentam até nos dias atuais o preconceito. Em relação às religiões de origem afro que hoje já ganharam adeptos de todas as etnias não é diferente. A aluna demonstra, apesar de ser adolescente e estar em fase de formação, certo repúdio ao que presenciou: oferendas depositadas ao pé da árvore denominada jequitibá, mais evidente se torna esse repúdio quando associa ao “coisa ruim” . Sabemos que os antecedentes sociais e culturais de um falante, suas crenças e valores, sua relação com o meio ambiente, é refletido em sua comunicação. Bom, não vamos nos aprofundar nessa questão aqui, por não ser esse nosso objetivo, retomemos, pois ao tipo de variação que estamos refletindo, a lexical, se trata de fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico. Cegala (2005, p. 551 - 207) faz uma definição lexicográfica do verbete: “**macumba** s.f. (Bras) 1 sincretismo religioso, derivado de elementos de várias religiões africanas, indígenas brasileiras e cristãs. 2 magia negra; feitiçaria (...) 3 oferenda; despacho (...)”, **coisa-ruim** s.f. (Bras) demônio; diabo(...)”.

Em relação à variante “muncado” que equivale a “um pouco” empregada pela aluna do 1º ano do Ensino Médio, também é outra variante usada com bastante frequência no meio rural, embora tenha usado em uma prática letrada, isto é, escrita, essa variante se aproxima mais da linguagem oral. Já presenciei diversas vezes nos horários de recreios, alunos empregando essa variante no diminutivo, por exemplo: “Me dá um mucadinho de Gulozitos”. Gulozitos é a marca de um biscoito feito na região, a base de amido de milho. Nota-se também o registro de um vocábulo comum ao meio rural: tulha, lugar onde guarda grãos. Em áreas urbanas dir-se-ia armazém/celeiro. Essa variação se dá também no plano léxico, uma vez que é usada palavra diferente para se dizer a mesma coisa.

TABELA 4 – DESNASALIZAÇÃO EM SÍLABAS FINAIS ÁTONAS.

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero feminino 13 anos 6º ano	3	eles fazer	eles fazem

Na Tabela 4, também referente a concordância, Bortoni-Ricardo (2009, p. 98) ressalta que como no caso da concordância nominal, quanto mais fonologicamente saliente for a marca de plural nas formas verbais, mais os falantes tenderão a empregá-las. No exemplo, a forma plural não é tão distinta, portanto a aluna não a empregou, e acabou modificando a forma no singular, na tentativa de fazer a concordância, acabou por empregar a forma no infinitivo: “fazer”. Temos então um caso de variação no nível morfológico.

TABELA 5- MONOTONGAÇÃO DO DITONGO /OU/

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero masculino 11 anos	6	vo	vou

6º ano

Nesta Tabela 5, constatamos a monotongação do ditongo /ou/. Em relação a variante “vo” há um aspecto muito interessante que convém mencionar, diz Bortoni-Ricardo (2009, p. 95), “No ditongo /ou/, a monotongação é um processo muito antigo na língua, desde a evolução do latim para o português.” O que faz com que o falante processe a monotongação é a influência articulatória do segmento seguinte, que no exemplo é /u/, uma vez pronunciando o aluno transfere para a escrita, escreve uma vogal em vez de duas, porque usa na sua pronúncia um monotongo /o/, ao invés de /ou/, daí resulta vo e não vou. O monotongo está tão impregnado que o aluno faz a repetição da variante vo, ele a usa em três momentos no texto. Podemos caracterizar no nível fonético.

TABELA 6- JUNTURA INTERVOCABULAR

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero feminino	4	demanhã	de manhã
12 anos		atarde	à tarde
7º ano			
Gênero feminino	7	ape	a pé
12 anos			
7º ano			

Na Tabela 6, observamos exemplos mais comuns em séries de alfabetização. Essa é a concepção de Cagliari (2010, p.124), “quando a criança começa a escrever textos espontâneos, verifica-se que costuma juntar todas as palavras. Esta juntura reflete os critérios que ela usa para analisar a fala. Na fala não existe a separação de palavras, a não ser quando marcada pela entonação do falante.” Assim justifica o uso feito pelos alunos das variantes “demanhã”, “atarde” e “ape” transcrevem suas pronúncias.

O autor ainda acrescenta: “Os grupos tonais do falante, ou conjuntos de sons ditos em determinadas alturas é um dos critérios que a criança utiliza para dividir sua escrita. O contato mais sistemático com a escrita pode ser um instrumento que levará espontaneamente a criança a escrever evitando a juntura

Essas variantes relacionadas á fala se caracterizam no nível fonético.

TABELA 7- PERDA DE SÍLABA

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero feminino	4	tava	estava
12 anos			
7º ano			

Na Tabela 7, o que é ressaltado é a perda de sílaba em forma verbal. Esta forma verbal “tava” é muito empregada não só em comunidades rurais como nas urbanas. Bortoni-Ricardo (2009, p.56) destaca que a perda da sílaba inicial es- no verbo estar é um traço generalizado no português brasileiro, especialmente nos estilos não monitorados. Todas essas constatações, evidentemente, deixam bem claro que tais variantes são

perfeitamente empregadas no português do Brasil, e tem uma razão de ser, e tal uso só confirma a concepção de língua como organismo vivo.

TABELA 8 - EMPREGO DO PRONOME ELE COMO OBJETO DIRETO

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero masculino 15 anos 6º ano	1	nós ajudamos ela	nós a ajudamos

Na tabela 8, o emprego do pronome “ele” como objeto direto. O gramático Bechara (1999, p.175) nos faz a seguinte afirmação: “Ele como objeto direto – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de todo ou só (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso.” Assim como Bagno (2009, p. 151): “Uso antiqüíssimo na língua, registrado em textos medievais portugueses. Apesar disso, repellido pela norma-padrão, que só admite nesses casos os oblíquos *o/a/os/as* [...]”. Tais afirmações justificam o emprego feito pela aluna no texto. O uso do pronome “ele/ela” como objeto direto é muito antigo na língua portuguesa e permanece vivo até hoje, uma vez que não prejudica em nada a compreensão do texto. Mas sabemos que ele é condenado pela tradição gramatical, e por isso não é apropriado em textos em que prevalece a linguagem formal.

TABELA 9- TROCA DE GÊNERO

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero feminino	2	do mata	da mata
11 anos			
6º ano			

Na Tabela 9, o registro de uma variável ligada a troca de gênero. Bagno (2009, p. 154) afirma ser possível atribuição de gênero masculino a palavras tradicionalmente femininas. Ao empregar o artigo /o/ o aluno caracterizou ser mata, uma palavra do gênero masculino.

Podemos falar então de variação no nível sintático.

TABELA 10- TROCA DE LETRA

Aluno	Texto	Variante Estigmatizada	Variante padrão
Gênero feminino	4	inchada	enxada
12 anos		disfalque	desfalque
7º ano			
Gênero masculino	6	tauves	talvez

12 anos

7º ano

Na Tabela 10, temos um evento menos complexo que é a troca de letra. Cagliari (2010, p. 121) postula sobre essa ocorrência afirmando que é comum o aluno fazer a transcrição fonética da própria fala podendo escrever /i/ em vez de /e/, porque fala /i/ e não /é/, escreve /u/ em vez de /l/ e /s/ em vez de /z/ todos pelo mesmo motivo. Sendo assim não há porque se escandalizar diante de tais constatações, se trata de comportamentos linguísticos possíveis de serem cometidos por alunos nessas séries.

Esses são exemplos, portanto, de variação no nível morfológico.

Conclui-se esta análise ressaltando que a forma como usamos a linguagem informamos quem somos pelo modo como nos expressamos. A imagem que esperamos imprimir sobre nós mesmos está, sempre, ligada à forma como articulamos a linguagem, ao domínio do sistema da língua e às variantes do idioma que adotamos em cada situação comunicativa.

Quando falamos, temos a ilusão de achar que comunicamos só um conteúdo intencional, mas há outras informações transmitidas enquanto se fala. Uma parte do que dizemos de nós mesmos ao enunciarmos algo revela o nosso ponto de observação do mundo. Em boa parte das vezes em que nos expressamos, emitimos sinais involuntários de nossa formação e domínio do idioma.

Discutir estas e outras questões com os alunos é uma maneira de conscientizá-los de que todas as suas manifestações verbais – faladas ou escritas – estão sujeitas ao julgamento social, apesar de não concordar, mas em algumas ocasiões é impossível evitá-las. Portanto, esta é uma maneira de ensinar a língua portuguesa: sem discriminação e com responsabilidade social.

Os exemplos que foram selecionados e analisados entre tantos outros que percorrem os textos são suficientes, confirmam a variação linguística presente na produção textual

escrita de alunos da zona rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi alcançada comprovando a Variação linguística presente na produção textual escrita de alunos da zona rural da Escola Estadual Hermínia Ribeiro de Souza do município de Lajinha - MG. Através da análise dos textos nos variados gêneros: documentário, memória, receita, bilhete e carta, foi possível confirmar

que os alunos empregam as variantes lingüísticas, sua família e sua comunidade também as usam, como recurso para um melhor exercício da competência comunicativa. Algumas características empregadas nos níveis lexical, fonético, sintático e morfológico não constituem aberrações lingüísticas exclusivas do meio rural, mas são constatadas também em pólos urbanos.

Convivendo com os alunos da Escola Estadual Hermínia Ribeiro de Souza, por mais de duas décadas, é possível descrever um quadro que se aproxime do real, considero-a um “laboratório de produções de linguagens”, local onde estão fluindo todos os falares de crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas de até 60 anos de idade. Assim as variáveis que por ali fluem, só confirmam a concepção de que a língua é heterogênea. Chego à conclusão com este trabalho que faz-se necessário a aplicabilidade de uma proposta que seja relevante e contemple todas essas faixas. E nada mais relevante do que o domínio ágil e competente da leitura e da escrita, conscientizando-os de que já dominam a linguagem, mas precisam se adequar a uma linguagem oral e escrita, necessária principalmente para aqueles que desejam se inscrever em um vestibular ou concurso.

Ora, esse trabalho possibilitou compreender, que uma das funções mais importantes de uma escola que possua em sua clientela alunos e alunas oriundos do meio rural é dotar tais alunos de recursos que lhes permitam produzir textos (orais e escritos) mais monitorados estilisticamente, textos que ocupem os níveis exigidos na escala do prestígio social. Daí a importância de reconhecer as formas lingüísticas não empregadas na fala espontânea, mas exigidas socialmente na fala/escrita formal, para ensiná-las, no sentido mais literal do verbo ensinar, isto é, transmitir a uma pessoa um conhecimento que ela de fato não possui nem tem outro modo de adquirir a não ser pela educação formal, sistemática, programa.

Através dos postulados de Bortoni-Ricardo, Cagliari e Bagnos foram analisados os textos, ancorado-os em suas teorias. Tais teorias levaram a conclusão de que as variantes diagnosticadas nos textos e outras constatadas no dia-a-dia não citadas neste trabalho, mas praticadas por alunos da zona rural, em específico da Escola Estadual Hermínia Ribeiro de Souza devem ser tratadas com o devido cuidado, para que não

assumam uma postura preconceituosa, apontando apenas para o desvio da norma. É necessário extrair dos textos o que for de valor, um valor que não necessariamente está atrelado ao simples fato dos textos estarem escritos no padrão culto. Valorizando tais textos e a partir desta valorização introduzir o aprendizado da língua padrão.

Esse pode ser considerado o primeiro estudo monográfico da linguagem destes alunos, pelo que se sabe nunca houve interesse em fazer um diagnóstico real por pessoas diretamente ligada à escola, portanto este, contribuirá para mudar a postura dos professores da já citada escola, em relação ao ensino da língua no que se refere a variação linguística, de uma maneira diferente da que vinha sendo realizada nos moldes tradicionais.

Por fim, as perguntas tema deste estudo: O que fazer frente à presença nos textos dos alunos da zona rural de formas características de uma variedade não-padrão? Como tratar da variedade linguística em textos produzidos por alunos da zona rural? A resposta a essa indagação é levar o aluno a dominar a variante padrão, sem desprezar a variante rural, usada por ele, sua família e sua comunidade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Aulas de português**. 8 ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**. 4 ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2001.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. 6 ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CEGALA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2010.
- CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO Manoel. **Gramática histórica**. 14 ed. São Paulo: Ática, 1984.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens**. 4 ed. São Paulo: Atual, 2006.
- COSTA, Cibele Lopresti; LOUSADA, Eliane Gouvêa; SOARES, Jairo J. Batista; PRADO, Manuela. **Português para viver juntos**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- FIAD, Raquel Salek. **Escrever e Reescrever**. Ministério da Educação. UFMG – Belo Horizonte: Ceale, 2006. (Coleção Alfabetização e Letramento)

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística I. Objetos teóricos** . 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística II. Princípios de análise**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **Variação Linguística e Ensino**. Ministério da Educação. UFMG – Belo Horizonte: Ceale (Coleção Alfabetização e Letramento), 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: Ano 4 – Nº 53. Março 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: Ano 5 – Nº 58. Agosto 2010.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I. Objetos teóricos**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.14-15.

BELINE, Ronaldo. A variação lingüística. . In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I. Objetos teóricos**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.123.

TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias Sociolinguísticas**. 1 ed. Campinas SP: Pontes, 1989.